

EDITORIAL

Tecnologia para Saúde, Tecnologia na Saúde: A Convergência é Possível?

Márcia Ito, M.D., PhD.

Presidente da Comissão Científica

XVII Congresso Brasileiro de Informática em Saúde - CBIS

Sociedade Brasileira de Informática em Saúde - SBIS

Desde o advento dos computadores e posteriormente com a Internet o mundo e a sociedade tiveram grandes transformações o qual culminou na Era Digital. Essas transformações fizeram surgir uma nova Sociedade, a Sociedade 5.0, que tenta equilibrar o avanço econômico com a solução de problemas sociais na qual os computadores e a hiperconexão permitirão que os cidadãos tenham um modo de vida mais inteligente, eficiente e sustentável⁽¹⁻²⁾.

O uso da tecnologia na área da saúde denomina-se Saúde Digital. O Brasil tem trabalhado na Estratégia da Saúde Digital desde 2015, tanto é que este ano foi publicado pelo Ministério da Saúde a Estratégia de Saúde Digital para o Brasil 2020-2028⁽³⁾. É assim, que no auge do impacto da Saúde Digital no Brasil e no mundo o XVII Congresso Brasileiro de Informática em Saúde, em 2021, teve como tema a indagação: “Tecnologia para saúde, tecnologia na saúde: a convergência é possível?”.

Este tema pretende colocar em discussão até que ponto a transformação digital na saúde é feita de forma inteligente, eficiente e sustentável, como preconiza a Sociedade 5.0. E se isto é possível, que a tecnologia na saúde seja realmente feita com o objetivo em se ter uma tecnologia para a saúde com ética, confiabilidade, segurança, sustentabilidade, eficiência, eficácia e principalmente com soluções que atendam às necessidade de todos: cidadãos, pacientes, médicos, enfermeiros, dentistas, farmacêuticos, enfim todos aqueles que irão consumir os produtos da saúde digital.

É assim que este tema tem como objetivo alertar para que os produtos que usam a **tecnologia na saúde** o façam de forma ética e confiável de tal forma que a tecnologia resultante seja realmente feita **para a saúde** considerando toda a complexidade da área. Neste sentido é muito importante que o uso da tecnologia na saúde seja criada por uma equipe multidisciplinar na qual todas as partes sejam consideradas e respeitadas em suas limitações. O profissional de saúde não deve concluir que a tecnologia pode resolver qualquer coisa e que sempre estará correta. Deve usar o produto com crítica e exigir as avaliações e análises semelhantes às que são feitas para os medicamentos, afinal, os medicamentos também são um produto de avanços na tecnologia farmacêutica. Os profissionais de TI por sua vez não devem minimizar a complexidade na aplicação da tecnologia na saúde e deve saber trabalhar com o incerto na qual nem sempre há padrões para tudo. Somente dessa forma será possível ter a Tecnologia na Saúde e para a Saúde.

Além disso, este ano foi atípico e não se poderia deixar de abordar no Congresso o impacto da pandemia da COVID-19 em todos os setores, inclusive no uso da tecnologia na saúde. A Ciência foi e vem sendo apontada por todos como parte da solução e assim que neste Congresso a parte científica foi um ponto relevante e assim tivemos a submissão de 254 trabalhos, distribuídos da seguinte forma: 147 artigos completos, 76 posters, 19 relatos de caso e 12 demonstrações. Todos os trabalhos que seguiram as regras de submissão foram analisados por pelo menos dois (2) revisores. Para este Congresso tivemos **161 revisores voluntários** que realizaram em 4 semanas a avaliação dos trabalhos. Os revisores tinham o título de Mestre, doutorado e/ou pós-doc de Instituições de Ensino e Pesquisa Nacionais e Internacionais que pertencem a grupos de pesquisas na área de informática em saúde ou possuem trabalho correlatos a esta área. As titulações dos revisores são das áreas de computação, saúde e informática em saúde. Foram aprovados para apresentação e para compor os Anais do Congresso,

101 trabalhos distribuídos da seguinte forma: 45 artigos completos, 36 posters, 12 relatos de casos e 8 demonstrações.

Nesta edição do Congresso Brasileiro de Informática em Saúde, além da parte científica tivemos palestrantes internacionais, tutoriais, painéis e eventos paralelos que compuseram as demais atividades do evento. O formato virtual do Congresso permitiram que palestrantes internacionais pudessem estar presentes e enriquecer o evento, além de ter um número de congressistas maior, por não ter a necessidade de deslocamento e estadia. Acreditamos que deva ser um formato a ser pensado, talvez de uma forma híbrida quando o novo normal prevalecer.

REFERÊNCIAS

- 1 - CASTELLS, M. A sociedade em rede. 7ª. Edição. Editora Paz e Terra. 2003. 630 p.
- 2 - FUNDAÇÃO INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO (FIA). Sociedade 5.0: O que é, objetivos e como funciona. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/sociedade-5-0/> Acesso em: 29/07/2020
- 3 - BRASIL. MINISTÉRIO DE SAÚDE. Estratégia da Saúde Digital para o Brasil 2020-2028. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estrategia_saude_digital_Brasil.pdf Acesso em 15/03/2021